

VIANA : MARCAS DE UM TEMPO PASSADO SEMPRE PRESENTE E IMORTALIZADO NA IDENTIDADE E MEMÓRIA

testemunhos da escrita

Exposição organizada pela Câmara Municipal e Arquivo Municipal - Biblioteca Municipal de Viana do Castelo
Janeiro - Setembro 2008

Reviver o tempo, marcar o tempo, sentir o tempo, plasmar o tempo e partilhar o tempo... Eis algumas das coordenadas directas da Identidade, essa Identidade que ao se afirmar, consolidar e perpetuar se converte em Memória. Memória presente, testemunho vivo do passado e zénite de constelação do futuro. Da longínqua Pré-História ao medieval século XIII, relativamente indiferenciada, acantonada num tempo misterioso ou com reduzidas leituras do quotidiano, emerge afoniosa e preponderante como póvoa à qual o monarca Bolonhês, em 18 de Junho 1258 por carta de foral, impõe de novo o nome de Viana.

Gerada, embalada e criada entre o Lima e o Atlântico é agraciada pelo rei Venturoso, a 1 de Junho de 1512, com foral noVO, matizando a sua opulência comercial e renovando a sua cosmopolita posição de epicentro peninsular. Os navios desta vila na áurea época de quinhentos percorrem o Oceano desde a Terra Nova ao Golfo da Guiné, da Flandres ao Brasil, da vizinha Sevilha às Antilhas, comerciando e pescando. Dela partem navegações para o Atlântico Setentrional e referencia-se como escola de marinheiros e povoadores. D. Sebastião, o real infante Desejado, intitula-a Vila Notável: havendo respeito a ser bua das nobres e principais de meus reinos e de maior rendimento, a principal Entre-Douro-e-Minho, e de grande povoação. No apogeu do ciclo do açúcar brasileiro o movimento do seu porto guindava ao terceiro lugar a nível nacional em rendimentos alfandegários e chega a ter no mar setenta navios. A ocupação castelhana e a guerra da Restauração provocam a diminuição do seu tráfego mercantil com os portos do Brasil, vindo a renascer em finais de seiscentos com a dinâmica da exportação de Vinhos Verdes. A sua expansão urbana, a partir de meados do século XVI, prolifera fora das muralhas onde são construídas as moradias de fidalgos e burgueses vinculados ao comércio marítimo. Aflora a Viana mística e religiosa dos conventos: St.ª Ana - 1510, S. Bento - 1545, S. Domingos - 1566, St.ª Antónia - 1612, Carmo - 1621 e Cruzios - 1630. Nos alvares do século XVIII é-nos descrita como sendo dividida à semelhança de Lisboa, em nove bairros: a vila cercada de muros, o bairro da Bandeira, o da Carreira, o de Monserrate, o da Ribeira, o de S. Bom Homem, o do Postigo, o de S. Bento e do Campo do Forno. Anos mais tarde assinala-se o aparecimento do arrabalde da Portela e a edificação de dois novos conventos nos limites mais longínquos do espaço construído: o das Ursulinas (1778) próximo da Portela e o das Carmelitas (1780) no topo da rua da Bandeira. Está assim delineado o plano urbano que perdurará até meados do século XIX.

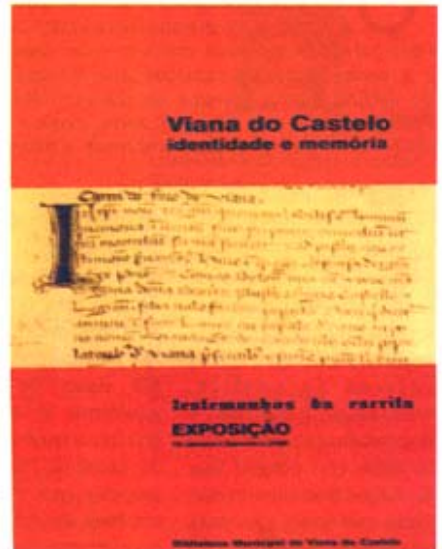
VIANA DO CASTELO

Pela grande reforma administrativa de 1836 c instituída como sede distrito. E no conturbado período das lutas liberais, durante a revolta da Maria da Fonte, a fortaleza de Santiago da Barra resiste ao cerco de 45 dias, quelhe é imposto pelas tropas da Junta do Porto. Perpetuando tal acontecimento, a Viana do Minho, é elevada à categoria de cidade recebendo o nome de Vianado Castelo, no dia 20 de Janeiro de 1848, pela rainha D. Maria II, a Educadora. O fim das Guerras Liberais e a expropriação dos conventos produzirão localmente grandes alterações da estrutura da propriedade e da riqueza. Acompanhando a Regeneração do reino vê ampliar a actividade cio seu porto demar e, a partir de 1877, a construção da ponte

rodo-ferroviária de ferro, catalisando-a para um burgo dos tempos modernos servido pelo caminho-de-ferro. A nova ponte, projectada por Gustave Eiffel, e a estação ferroviária, por Alfredo Soares, passam a ser referenciais do progresso local e regional desde o advento do século passado. No primeiro terço do século XX testemunha um período de projectos de ordenamento da cidade, transparecendo preocupações urbanísticas e arquitectónicas. Nomeadamente, a construção da Avenida dos Combatentes da Grande Guerra que materializa, quatro décadas depois, a ideia de umaylwzWa Central. Esta nevrágica via citadina será objecto de uma arrojada intervenção nos finais dos anos noventa. A construção sob a mesma de um parque automóvel e a sua nova atractividade potenciam energeticamente o desenvolvimento da actividade comercial. Gera uma revitalização do Centro de Viana cio Castelo, identifica-a, por excelência, como lugar de sociabilidade e de fruição de lazer, ao mesmo tempo que acolhe e dinamiza um estratégico urbanismo comercial. 1940 e 1950 é aberto o troço da estrada internacional paralelo ao caminho-de-ferro. Este novo eixo proporciona o crescimento da cidade para além da cintura férrea, bem como passa a permitir um acesso mais directo e rápido às instalações portuárias



às unidades empresariais sediadas entre o Campo do Castelo e a Praia Norte. Com destaque para os Estaleiros Navais, fundados em 4 de Junho de 1944, que vieram dar continuidade a uma tradição secular: a construção naval. Habitada por cerca de 14 mil almas é sinalizada no contexto nacional também pela faina do bacalhau, que confere ao porto de mar um movimento fabuloso, enquanto as embarcações aqui construídas difundem esta urbe e as suas gentes pelos quatro cantos do Mundo. O presente dealbar do século XXI é primorosamente chancelado pela ampla acção do Programa Polis na Cidade, Viana do Castelo, sobranceira ao monte de Santa Luí/a, emblemático local de culto e guardião de elevado valor ambiental, nomeadamente, pela diversidade de espécies de flora que aconchega, usufrui de vários ecossistemas. Implantada na plataforma estuarina, entre o rio e o mar, quer na sua vivência quotidiana, quer na presença visual, congrega os ecossistemas ribeirinho, litoral, de montanha e o urbano. Este último, a própria cidade, espaço humanizado gerador de riqueza e de apropriação do supérfluo, catalisador do negócio c do ócio, conjuga o histórico e o moderno, a tradição e a inovação, a identidade e a memória. Os seus arruamentos medievos continuam a albergar o centro geográfico cia urbe, a Praça da República, outrora Campo do Forno e depois Praça da Rainha, ainda hoje denota o clássico desenho de centro cívico. No terraplano conquistado ao rio um novo quadro é emoldurado, um novo mosaico resplandece e uma nova



alma brota. A Princesa do Lima ultima a maior intervenção de requalificação urbana e ambiental em toda a história cio seu burgo, quer pela área abrangida (157 hectares), quer pelos avultados investimentos, bem como pelo espaço cronológico de concretização desta audaciosa acção. Marcos da recente viagem diacrónica chegam até nós pela escrita, essa maravilhosa invenção humana que reflecte a aventura civilizacional individual c colectiva, permitindo, a nós presentes, compreender a estruturação espacial e como se chegou até aqui. Assim, é revelada documentação manuscrita ímpar, única e autêntica em pergaminho c em papel, que faz fé, por exemplo, em 1262 da troca com o Bispo de Tui para a fundação de Viana; que atesta a criação da feira em 1286, os direitos e privilégios foreiros concedidos à sua população por D. Afonso III e D. Manuel I, o cumprimento das obrigações para com a realza, com a tutelar mitra bracarense e com o Papa; Acórdãos deliberados, o património, proventos e despesas do concelho, os registos de visitas de soberanos e o auto de proclamação da República, integram esta mostra, bem como instrumentos de salvaguarda da identidade e perduração da memória: por que todas as cousas tem principio e fim. Fi muitas há que per muita guarda e vigilância se lhes segue o fim mais apresado, do que com e l/a poderão estar. Em paralelo, a invenção quatrocentista da imprensa virá operacionalizar a larga e profícua difusão da informação. Viana torna-se centro editor como atesta a obra Vida de Dom Frei Bertolameu dos Martyres da Ordem dos Pregadores Arcebispo e Senhor de Braga Primas das Espanhas ..., da autoria de Frei Luís de Sousa, datada de 1619, à custa da mesma vila. Isto mesmo, pode ler-se no seu frontispício: Impressa na notável Vila de Viana a conta da mesma Vila por Niculao Carvalho Impressor de S. Mgde. O advento da chama liberal do século XIX e a extinção das ordens religiosas proporcionariam a incorporação de muitos livros dos extintos conventos de Viana na sua Biblioteca Municipal, como o exemplar da Regra de S. Bento, impresso em 1823. De entre os insignes autores vianenses destaca-se Pedro Barbosa c os seus dois volumes, hoje muito raros, impressos em Madrid em 1595, Commentariorum ad Interpretationem Tittili. FF(Solutu Matrimonio quemadmodum dos Petatur. Bem como, António Machado Villas Boas que nos primórdios de setecentos nos lega a obra manuscrita Em que se tratta da nova fundação da Muy notável Villa de Vianna, e de seus preclaros aumentos e admiráveis progressos ... E Luís de Figueiredo da Guerra, que pelo seu punho escreve em 1880 a História da cidade de Vianna do Casllelo extrahida dos documentos existentes na Cantara Municipal do dito concelho. Nesta mostra, entre outras obras de relevante valor, sobressai o exemplar da 1.ª edição feita em Paris em 1892 de Só, que António Nobre dedica ao seu amigo vianense João da Rocha. Enfim ... alguns testemunhos da escrita ... marcos de um tempo passado, revivido, sempre presente e imortalizado na Identidade e Memória!

